



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO SUPERIOR EM HISTÓRIA

MICAELE ANIZIO BEZERRA

**ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO
3º ANO DO ENSINO MÉDIO.**

CAJAZEIRAS – PB

2023

MICAELE ANIZIO BEZERRA

ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO 3º
ANO DO ENSINO MÉDIO.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de História, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - campus Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

3574e	Bezerra, Micaele Anizio. Ensino de história, tecnologias digitais da informação e comunicação e consciência histórica: percepções de alunos do 3º ano do ensino médio / Micaele Anizio Bezerra. - Cajazeiras, 2023. 60f. Bibliografia. Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa. Monografia (Licenciatura em história) UFCG/CFP, 2023. 1.História - ensino médio. 2.Tecnologias digitais. 3.Ensino de história 4.Consciência histórica. 5. Ensino médio - Carrapateira- município-Paraíba. 6.Estudantes de história 3º ano-ensino médio. I. Sousa, Israel Soares de. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 94: 37.091.3
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
COORDENACAO DE GRADUACAO EM HISTORIA
Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n, - Bairro Casas Populares, Cajazeiras/PB, CEP 58900-000
Telefone: (83) 3532-2000 - Fax: (83) 3532-2009
Site: <http://www.cfp.ufcg.edu.br> - E-mail: cfp@cfp.ufcg.edu.br

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) – CGHIS-CFP, REALIZADA EM 15/06/2023

Ao décimo quinto dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze, na Sala 101 do Bloco Paccelli, do Centro de Formação de Professores, da UFCG, estiveram reunidas, sob a presidência do professor-orientador **Dr. Israel Soares de Sousa**, as professoras: **Dra. Janaina Valéria Pinto Camilo** e **Dra. Rosemere Olímpio de Santana**; e a discente MICAELE ANIZIO BEZERRA (matrícula 217230754). Foi instalada a sessão pública para julgamento da monografia de conclusão de curso (TCC) do Curso de Licenciatura em História, elaborada pela referida discente, intitulada: **ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**. Após a abertura da sessão, o presidente da banca julgadora deu seguimento aos trabalhos, apresentando as demais examinadoras. Foi dada a palavra à autora, que expôs seu trabalho e, em seguida, ouviu-se a leitura dos respectivos pareceres das integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da discente. Ao final, reunida em separado, a banca **APROVOU** a monografia atribuindo a nota **10,0 (DEZ)** ao trabalho. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito. Cajazeiras, quinze de junho de 2023.

[OBSERVAÇÕES DA BANCA, SE HOUVER]



Documento assinado eletronicamente por **Micaele Anizio Bezerra, Usuário Externo**, em 15/06/2023, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ISRAEL SOARES DE SOUSA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/06/2023, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/06/2023, às 20:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JANAINA VALERIA PINTO CAMILO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/06/2023, às 20:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3480110** e o código CRC **1C82253C**.

ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO 3º
ANO DO ENSINO MÉDIO.

APROVADO EM:

Professor Dr. Israel Sorares de Sousa
(Orientador)

Professor Dra. Rosemere Olimpio de Santana
(Examinadora)

Professor Dra. Janaina Valéria Pinto Camilo
(Examinadora)

Professor Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo
(Examinador Suplente)

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dedico este trabalho a todos os meus professores e colegas que me auxiliaram no decorrer desta trajetória acadêmica, em especial ao meu orientador por todo o conhecimento agregado ao trabalho, pela ajuda e dedicação. Dedico, ainda, a toda a minha família, que sempre esteve ao meu lado, dando-me apoio e forças para que a realização deste sonho se tornasse possível. Com amor, dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tantas bênçãos, por dar-me forças, determinação e coragem para trilhar essa trajetória, a qual foi árdua e difícil.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Francivânio Bezerra Filho e Isabel Anizio por toda dedicação a mim concedida, pelo apoio, pelo incentivo, por todas as vezes que disseram “Você consegue”. Agradeço aos meus irmãos Rodrigo e Paulo Ricardo pelo companheirismo e a todos os membros da minha família.

Agradeço às minhas amigas Annanda Ellen, Vitória Brenda e meu amigo Manoel Alves as quais são pessoas incríveis que o curso de História me permitiu conhecer, com estes dividi essa caminhada desafiadora, sou enormemente grata por tê-los em minha vida.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras que auxiliaram nessa jornada acadêmica, ao meu orientador e aos demais colegas.

Não é o que o mundo reserva para você, mas o
que você traz para o mundo.

Lucy Maud Montgomery

RESUMO

A História se ocupa das inúmeras transformações e permanências que ocorrem com os homens e mulheres através do tempo. A História também é polissêmica, mas, como disciplina presente na “grade curricular” do Ensino Básico, pode proporcionar o conhecimento acerca das vivências humanas, bem como contribuir com a construção da nossa identidade. Sendo assim, neste trabalho, apresentamos uma problematização a respeito da importância do ensino de História no 3º ano do Ensino Médio, uma vez que os alunos desse ano já percorreram quase toda caminhada da Educação Básica e do currículo de História nesta etapa de ensino. No que se refere aos objetivos, buscamos analisar elementos de consciência histórica que a disciplina pode propiciar aos alunos, as percepções que eles apresentam sobre a História, bem como a importância e o porquê de se estudá-la, além disso, em meio às vivências da sociedade da informação e comunicação, buscamos discutir como as tecnologias em sala de aula podem renovar o ensino, bem como servir de ponto para formação da consciência histórica dos discentes. O referido estudo visa compreender a visão que os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola ECI Joel Pereira da Silva, do município de Carrapateira PB possuem sobre a disciplina de História através de um estudo de caso, por meio de um questionário, que utiliza o método qualitativo do tipo descritivo e o estudo bibliográfico para se basear na concepção de alguns autores sobre a pesquisa em questão. Trabalharemos a partir das perspectivas de Jörn Rüsen 2001, Caio Boschi 2019, Selva Guimarães 2003, Israel Soares 2017, entre outros. Ressalte-se que grande parte dos alunos entrevistados consideram a História como uma disciplina que examina o passado e outros apenas para tirar uma boa nota no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Palavras-Chave: Consciência histórica; História; Ensino; Tecnologias.

ABSTRACT

The History is concerned with the countless transformations and permanence that occur with men and women through time. History is also polysemic, but, as a discipline present in the “curricular grade” of Basic Education, it can provide knowledge about human experiences, as well as contribute to the construction of our identity. Therefore, in this work, we present a problematization regarding the importance of teaching History in the 3rd year of High School, since the students of that year have already covered almost the entire course of Basic Education and the History curriculum in this stage of teaching. With regard to the objectives, we seek to analyze elements of historical awareness that the discipline can provide to students, as proof that they present about History, as well as the importance and reason for studying it, in addition, in the midst of experiences of the information and communication society, we seek to discuss how technologies in the classroom can renew teaching, as well as serve as a point for the formation of students' historical awareness. This study aims to understand the view that the students of the 3rd year of High School at the ECI Joel Pereira da Silva School, in the municipality of Carrapateira PB, have about the discipline of History through a case study, through a teaching that uses the qualitative method of the descriptive type and the bibliographical study to be based on the conception of some authors about the research in question. We will work from the perspectives of Jörn Rüsen 2001, Caio Boschi 2019, Selva Guimarães 2003, Israel Soares 2017, among others. It should be noted that most students received History as a subject that examines the past and others just to get a good grade on the ENEM (National High School Examination).

Key-words: Historical consciousness; History; Teaching; Technologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E SUA RELAÇÃO COM A DISCIPLINA DE HISTÓRIA.	15
CAPÍTULO II – PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA	24
Características da pesquisa.....	24
Instrumentos de Coleta de Dados.....	25
Espaço da pesquisa.....	25
Procedimentos Éticos.....	27
Ensino e aprendizagem em História: o que pensam os alunos?.....	28
Caracterização dos entrevistados	28
A aula de História na visão do aluno	29
Como o aluno gostaria de aprender História.....	35
CAPÍTULO III – TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO ENTRE O CONTEXTO DO ALUNO E A HISTÓRIA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE	53
ANEXO.....	56
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	56
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	59

INTRODUÇÃO

A História, como componente curricular, existe desde o século XIX e sofreu diversas modificações no decorrer do tempo. Colocada como disciplina apresenta-se, a nosso ver, como fundamental para a compreensão de quem fomos e o que somos no tempo presente. No entanto, ensiná-la, requer um diálogo com vários saberes, além de captar a compreensão de que ela é vital para a formação da consciência histórica dos homens.

Para muitos estudiosos e pesquisadores em ensino de História, torna-se importante entender qual o papel da História no mundo, na história e na contemporaneidade; além da sua contribuição às sociedades humanas, possibilitando a homens e mulheres a visualização de seu pertencimento, de suas identidades, além de examinar a intervenção social em sua coletividade e dos projetos humanos edificados em uma dada temporalidade.

Nesse sentido, nosso trabalho busca contribuir com essas discussões e nossos achados sinalizam para uma relevância acadêmica clara, com destinação e intervenções práticas no ambiente de sala de aula, pelo investimento teórico e investigativo que buscamos efetivar com o conhecimento e os agentes envolvidos. Consideramos isso, por vermos que é necessário refletir acerca da importância da História, bem como discutir com alunos, com a comunidade escolar e a sociedade o quão importante é o ensino da disciplina, para que ela serve e em que contribui coletiva e individualmente. Segundo Caio Boschi (2019): “Estudar História é, portanto, uma forma de nos socializar, levando em conta nossas vivências mais próximas, e de nos libertar do excesso de individualismo que marca nossa época.” BOSCHI (2019, p. 13). Desse modo, para o autor que se dedica a estudar História busca compreender a realidade na qual se insere, entender a história é perceber-se no mundo e para a transformação do mundo.

O interesse e a escolha pelo tema, em questão, se deram a partir do momento que comecei a dar aulas de História, mesmo antes de concluir o curso, em uma determinada turma, no Ensino Fundamental. Logo, notei que os alunos se mostravam desinteressados pela disciplina, assim sendo, faziam perguntas como: “mas, por que estudar o passado? Ele já passou, ficou para trás”, “para que serve a História?”. Isso motivou a realização da pesquisa e a escolha pelo tema, portanto o trabalho tem o intuito de apontar a importância da disciplina de História, como a mesma contribui para a formação da consciência histórica e, a partir do elemento desinteresse, discutir como a partir do estabelecimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs em sala de aula podemos instigar nos alunos uma maior

aproximação entre a disciplina e suas realidades e, conseqüentemente, uma melhor relação com o conhecimento histórico.

Ensinar História é uma atividade submetida às transformações, à formação da identidade, além de ser uma produção de conhecimentos que contribui para o desenvolvimento integral do aluno. Todavia, é importante que o professor renove em relação aos aspectos metodológicos no ensino da disciplina, com o intuito de tornar as aulas de História mais prazerosas. Faz-se necessário, então, que o docente adapte a prática de ensino aos novos alunos, nativos digitais, que vivenciam experiências espaciais e temporais diferentes de algumas décadas atrás; aos novos tempos, de uma sociedade caracterizada como da informação e comunicação. Desse modo, é importante que o professor incorpore no processo de ensino outras fontes de saber histórico, presentes no cotidiano dos alunos, como os filmes, histórias em quadrinhos, a imprensa, o uso da tecnologia, as fontes audiovisuais etc. Marcos Napolitano (2008) enfatiza que as fontes audiovisuais alcançaram um grande e progressivo espaço na pesquisa histórica, sendo vistas pelos historiadores como fontes primárias e desafiadoras. Entretanto, não devemos de forma alguma abdicar do uso de livros, afinal a utilização de novas fontes tem que vir complementar os livros, e não substituí-los.

Como aponta KARNAL (2007) ensinar História é um trabalho que está sujeito a duas transformações as quais são elas: a do objeto em si e da ação pedagógica. De acordo com ele, o objeto em si transforma-se a partir de mudanças sociais, pelo aparecimento de novos documentos, pelas novas descobertas arqueológicas, enquanto a ação pedagógica muda porque os seus agentes mudam, ou seja, mudam os professores, os alunos e a administração escolar. Sobre esse aspecto o autor traz que se a escola muda, se o fazer da historiografia muda, o ensino de História deve ser renovado constantemente.

Hoje no Brasil, a partir de diversas influências, existem diferentes formas de ensinar e aprender História. Assim, é importante que o professor avalie constantemente suas práticas dentro e fora da escola e, quanto à escola, pode-se dizer que ela incorpora muitos elementos instigantes: saberes, modos de trabalhar o conhecimento, hábitos, valores dos agentes envolvidos no processo educacional, modos de pensar, evidências de uma “cultura escolar”, o que abre para investigação um campo com diversos objetos de estudo.

Espera-se, com esse trabalho, que possamos contribuir com as discussões acerca do ensino de História a fim de que, com este, os alunos, a comunidade escolar e a sociedade possam compreender o valor da disciplina de História e a sua importância. De forma que os professores procurem renovar o ensino de História através, também, do uso de recursos tecnológicos digitais, pois, são fontes que chamam a atenção do discente, e podem fazer com

que o aluno se interesse mais pelo conteúdo apresentado, podendo tornar as aulas menos monótonas e mais atrativas.

Posto isso, os capítulos têm por objetivo apresentar as principais discussões acerca do ensino de História, de modo que seja possível compreender as percepções dos alunos acerca da disciplina a partir de suas experiências no ano final da Educação Básica. O primeiro capítulo buscou discutir acerca do ensino de História, mas a partir da perspectiva teórica da consciência histórica, entendida muitas vezes como inerente aos sujeitos. Iniciamos contextualizando o ensino de História e as mudanças que sofreu ao longo do tempo, por conseguinte apresentamos concepções teóricas acerca da consciência histórica, e como o ensino de História colabora para o desenvolvimento e percepção dessa consciência por parte dos alunos, para que desse modo possam entender o que é a História, qual sua importância, porque devemos estudá-la e em que ela pode contribuir em suas formações.

O segundo capítulo busca analisar as percepções dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio da escola ECI Joel Pereira da Silva da cidade de Carrapateira PB, acerca da disciplina de História, através de um questionário que fora aplicado em sala de aula. Neste capítulo, será apresentado em que o trabalho se fundamenta, ou seja, em uma análise bibliográfica e um estudo de caso, sendo a pesquisa de caráter explicativo e descritivo, ainda neste capítulo analisamos o que os entrevistados relataram acerca do ensino de História, o que eles pensam sobre a disciplina. Buscamos caracterizar o perfil dos entrevistados, apresentando suas características sociais e culturais. Procuramos compreender a aula de História na visão do aluno, se eles a consideram importantes, em que esta contribui e se gostam da disciplina e como o aluno gostaria de aprender História, identificando se os entrevistados consideram importante utilizar a tecnologia em sala de aula e renovar o ensino de História.

No terceiro e último capítulo, discutimos a importância da renovação do ensino de História, por meio do estabelecimento das tecnologias, a fim de tornar o ensino menos monótono e mais dinâmico, a finalidade aqui é evidenciar que as tecnologias são uma ótima ferramenta no processo ensino/aprendizagem e que abrem diversificadas formas de trabalhar os conteúdos da disciplina, sejam por meio de filmes, documentários, vídeos, games e etc., gerando um leque de debates e discussões sobre os temas apresentados entre os alunos. Além disso, a própria vida dos alunos (social e cultural) está incorporada a relacionamentos e socializações que transcendem o cotidiano como estávamos acostumados. Ao contrário, as TDICs proporcionam novas vivências e novas formas de relações que rompem com as barreiras espaciais e temporais tradicionais. Nesse sentido, sua incorporação ao ensino de História proporciona novas metodologias, mas também levam professores de História a

relacionarem essas percepções a conceitos históricos importantes, como o passado, presente e futuro.

CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E SUA RELAÇÃO COM A DISCIPLINA DE HISTÓRIA.

Ensinar História é produzir conhecimento, é muito importante para o exercício da cidadania, é estruturar identidades, é, quando empreendido a partir de uma perspectiva crítica, instigar o estudante a se perceberem como seres sociais, é fazê-los questionar, refletir, é contribuir para a formação da criticidade, para a formação e percepção da consciência histórica dos homens e mulheres, para a formação integral do aluno, ensinar História é um saber em construção.

Circe Bittencourt (2008) evidencia que desde o início da organização do sistema escolar no Brasil, o ensino de História esteve voltado para uma formação moral e cívica, nessa perspectiva, os conteúdos passaram a ser elaborados com o intuito de construir uma ideia de nação agregada a de pátria, o que FONSECA (2003) também enfoca que ao final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, durante o período da Ditadura Civil-Militar, se deu à efetivação de novas ações que tinham como objetivo revigorar a educação moral e cívica nas escolas, consequentemente o ensino de História “foi sutilmente ‘vinculado’ aos ‘princípios norteadores da educação moral e cívica’” FONSECA (2003, p. 21). Essa perspectiva tinha como intuito a (de) formação de sujeitos alinhados aos ideais do Governo Militar, a homogeneização dos indivíduos e a construção da ideia de um povo uniforme, alinhados ao lema Deus, pátria e família.

Depois de 1998, com o período de redemocratização, principalmente, a partir dos anos de 1990, como elenca FONSECA (2003), com as disputas em volta de uma nova política educacional e da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que se alterou a configuração do ensino de história: “História passou a ser tratada como disciplina autônoma nas últimas séries do fundamental e ampliou seu espaço em nível médio.” FONSECA (2003, p. 26).

A partir da LDB de 1996, a ideia da disciplina de História como importante para a formação de sujeitos mais críticos alimentou discussões que colocavam a disciplina de História a responsabilidade de instigar a percepção de que somos dotados de uma consciência histórica, inerente aos seres humanos. É importante ressaltar que de acordo com CERRI (2011) o ensino de História é um espaço de possibilidade e diálogo que contribui para essa percepção, mas que temos que levar em consideração que:

Não compete ao trabalho da história na escola formar a consciência histórica dos alunos – eles já chegam com suas consciências formadas em seus traços

fundamentais –, mas possibilitar o debate, a negociação e a abertura para a ampliação e complexificação das formas de atribuir sentido ao tempo que os alunos trazem com eles. CERRI (2011, p. 116).

Destarte, é fundamental compreender o que se entende por consciência histórica, posto isso, o historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen (2001) elencou que a consciência histórica é universalmente humana, concedida junto com a intencionalidade da vida prática dos homens, de maneira que a consciência histórica é resultante de um processo abstrativo a qual o autor aponta: “Para tanto, é necessário extrair do produto cognitivo especificamente histórico tudo o que for próprio à sua particularidade científica; com isso, impor-se-á ao olhar o que nele houver de genérico e elementar.” RÜSEN (2001, p. 56). Assim, para ele todo pensamento histórico é uma articulação da consciência histórica, sendo a partir dela que se pode compreender o que é a História e por que ela é necessária.

O autor analisa, ainda, a consciência histórica fundada em uma ambivalência antropológica, ou seja, para RÜSEN (2001) o homem só consegue relacionar-se com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo se não tomar o mundo e a si mesmo como dados puros, e sim interpretá-los em função de suas intenções de ação e paixão. Por isso, ele acredita que o pensar a partir de uma lógica histórica faz parte da própria natureza humana, de modo que o agir constitui um mecanismo típico da vida humana: “A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conforme com a experiência do tempo”. RÜSEN (2001, p. 59). Nesse sentido, o ensino de História, nada mais é do que a disciplina que tem como elemento principal a investigação do agir de homens e mulheres, em sociedade, conduzindo-se por interesses e paixões.

Posteriormente, podemos destacar que muitos dos alunos enxergam a disciplina de História como algo relacionado ao passado e que não tem importância para o contexto atual, o que nos faz questionar o porquê de isso estar ocorrendo no âmbito escolar, sendo que esse componente curricular é de extrema relevância para a formação do cidadão como um ser crítico. Desse modo, percebe-se que estes questionam a importância da História, pois a vinculam somente ao que já passou e assim não lhe atribuem relevância. A partir dessa constatação, é importante que os professores de História possam contribuir para a relação conteúdo de história com a consciência histórica dos alunos para que eles entendam o valor dessa disciplina, sua função e assim possam compreender a relação entre presente, passado e futuro, a qual precisamos recorrer ao passado para entender o presente para assim obter possíveis perspectivas do futuro.

RÜSEN (2001) destaca que a narrativa é elemento constitutivo essencial da consciência histórica ao passo que se recorre a lembranças com o objetivo de interpretar as experiências no tempo, porém ele nos chama a atenção, elencando que não se deve entender a consciência histórica apenas como uma consciência do passado, pois “trata-se de uma consciência do passado que possuiu uma relação estrutural com a interpretação do presente e com a expectativa e o projeto do futuro.” RÜSEN (2001, p. 65), por essa via, a partir do que RÜSEN (2001) elenca, a narrativa histórica se constitui como um elemento dessa consciência, de modo que há uma relação entre a interpretação do passado, o entendimento do presente e a expectativa do futuro, sendo nessa interdependência onde os homens são capazes de orientar sua vida no tempo. Nesse sentido, é essencial que na escola a disciplina de História seja organizada com o objetivo de potencializar esse processo, para que os discentes construam mais claramente uma relação do passado, presente e futuro coletivos, sem que isso seja uma prática teoricamente enfadonha e distante das realidades dos alunos.

Em se tratando dessa articulação entre passado, presente e futuro em termos escolares, SCHMIDT & GARCIA (2005) retratam em seu texto, *A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história*, reflexões criadas no contexto do desenvolvimento do projeto “Recriando Histórias”, a qual a partir do depoimento de professores e alunos pode-se selecionar três princípios básicos para nortear o ensino de História. No primeiro princípio, as autoras abordam que, por meio da busca de documentos em arquivo familiar, e assim ao analisar e interpretar tais documentos, eles conseguirão instituir relações entre a história vivenciada por eles e outras narrativas históricas.

Com relação ao segundo princípio, os professores e alunos identificaram os indícios da experiência humana de diversas formas, como no cotidiano, na memória de familiares. Já o terceiro princípio se dá a partir do entendimento de que a experiência humana não compreende somente uma dimensão localizada, mas sim, está articulada a experiência de outras pessoas, épocas e por esse motivo podem ser constituídas de narrativas históricas diferentes, portanto:

Esses princípios nortearam o movimento que possibilitou a inserção das lembranças e experiências dos professores e alunos em outras experiências e lembranças e também em diferentes narrativas históricas, articulando múltiplas temporalidades e relações entre presente, passado e futuro, ou seja, a própria consciência histórica. SCHMIDT, GARCIA (2005, p. 302).

Posto isso, SCHMIDT & GARCIA (2005) destacam que a organização desses três princípios aponta que novas maneiras de captação e didatização dos conteúdos, que podem ser ensinados na disciplina de História, colaboram para o desenvolvimento da consciência histórica crítico-genética.

Crítica porque os alunos e professores puderam comparar situações relacionadas a determinados acontecimentos históricos a partir de referências temporais individuais e coletivas (1992); *genética* porque eles se apropriaram das informações recriando-as na dimensão das diferenças, das mudanças e das permanências. SCHMIDT, GARCIA, (2005, p. 303).

Posteriormente, nota-se que em sua obra, RÜSEN (2001) traz um questionamento que se determina pela pergunta “o que é História como conteúdo da consciência histórica?”, ao passo que o subjetivismo e objetivismo respondem a esta questão.

Ambas correspondem a cada um dos fatores que a narrativa histórica insere na unidade do constructo significativo chamado “história”: o subjetivismo leva em conta as intenções determinantes do agir com relação ao tempo, e o objetivismo, as experiências do tempo determinantes do agir. A parcialidade das duas posições evidencia-se quando as radicalizamos; dessa forma pode-se, simultaneamente, indicar a direção que se deve seguir para responder à pergunta sobre o que é história. RÜSEN (2001, p. 70-71)

Desse modo, o autor apresenta que o subjetivismo volta-se para o decisionismo em que as decisões no tocante às perspectivas determinantes da orientação para o agir voltados para o futuro instituem o que é a História, por outro lado, o objetivismo conduz para o dogmatismo na qual afirmações sobre a respeito das experiências dominantes do passado como um fator definitivo do agir indicam o que é a História, portanto para Rüsen (2001) a parcialidade de ambas as posições se mostra no momento em que as radicalizamos e desse modo é possível apontar a direção a qual se deve seguir para responder à pergunta sobre o que é a História, logo a partir dessa relação entre subjetivismo e objetivismo podemos responder a esta questão: O que é a História? Para o ensino da História, a compreensão de que os sujeitos e suas subjetividades não se separam da narrativa histórica, tida como objetiva e coletiva é muito importante, pois inserem no processo históricos homens, mulheres, negros, crianças, gays, lésbicas; enfim, a diversidade e suas subjetividades, seus desejos e paixões, como guias desse processo coletivo que é a história.

Em contrapartida ao que RÜSEN (2001) entende por consciência histórica, Luís Fernando Cerri (2011) analisa o conceito de consciência histórica a partir de autores como Raymond Aron e Hans-Georg Gadamer, o intelectual Aron menciona que somente a sociedade europeia possuiria uma consciência dita histórica, enquanto o filósofo alemão Gadamer aponta que a consciência histórica é o privilégio do homem moderno, caracterizando o homem contemporâneo, dessa forma a consciência histórica torna-se restrita. Perspectivas colonizadoras que destituem povos de fora da Europa da capacidade de se perceberem enquanto sujeitos históricos e centralizam na Europa a capacidade de se perceberem enquanto motores da história mundial.

No entanto, além desses pensadores, CERRI (2011) discorre sobre a ideia de Jorn Rüsen e Agnes Heller, portanto aponta:

Para esta autora, a consciência histórica é inerente ao estar no mundo (desde a percepção da historicidade de si mesmo que se enraíza na ideia de que alguém estava aqui e não está mais, e de que eu estou aqui, mas não estarei mais um dia) e é composta de diversos estágios, que indicam a inserção da consciência em diferentes contextos da trajetória da humanidade. CERRI (2011, p. 28).

Agnes Heller, contrariando as ideias de Raymond Aron e Hans-Georg Gadamer, também acredita que a consciência histórica é uma percepção inerente a quem está no mundo, a quem vive em sociedade. Quando percebemos que amigos se foram e não voltarão mais, passamos a compreender que existe um passado, um presente e um futuro, e que vivemos nessa linha temporal, mas também que nem sempre estivemos nela e que um dia não estaremos mais, nossa história individual se insere na coletiva.

Em seguida, CERRI (2011) frisa: “Para Rüsen, o homem tem que agir intencionalmente, e só pode agir no mundo se o interpretar e interpretar a si mesmo de acordo com as intenções de sua ação e de sua paixão; CERRI (2011, p. 28)”. Logo, como aborda o autor, para ambos os pensadores a consciência histórica não é uma meta, não é restrita a classes sociais, a um período da História, a regiões do planeta e quanto ao pensar, este é historicamente um fenômeno inerente à condição humana, então pode-se notar que ambos (Rüsen e Heller) apresentam ideias em comum sobre o conceito de consciência histórica.

Para conseguirmos refletir sobre como podemos identificar e compreender as possibilidades de trabalho com a consciência histórica no ensino de História na Educação Básica, buscaremos discutir as diferentes tipologias da consciência histórica determinada pelo

pensador alemão Jörn Rüsen (2011), logo, a seguir veremos o quadro “Os quatro tipos de consciência da História” retirado de seu livro: *Jörn Rüsen e o Ensino de História*.

Quadro 1: Os quatro tipos de consciência da História

	TRADICIONAL	EXEMPLAR	CRÍTICA	GENÉTICA
Experiência do tempo	Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatória	Variedade de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistemas de valores	Desvios problematizadores dos modelos culturais e de vida atuais	Transformações dos modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis
Formas de significação histórica	Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal	Regras atemporais de vida social. Valores atemporais	Rupturas das totalidades temporais por negação de sua validade	Desenvolvimento nos quais os modelos culturais e de vida mudam para manter sua permanência
Orientação da vida exterior	Afirmção das ordens preestabelecidas por acordo ao redor de um modelo de vida comum e válido para todos	Relação de situações particulares com regularidades que se atêm ao passado e ao futuro	Delimitação do ponto de vista próprio frente as obrigações preestabelecidas	Aceitação de distintos pontos de vista em uma perspectiva abrangente do desenvolvimento comum
Orientação da vida interior	Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – rok-playing	Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. Legitimação do papel por generalização	Autoconfiança na refutação de obrigações externas – rok-playing	Mudança e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança Equilíbrio de papéis
Relação com os valores morais	A moralidade é um conceito preestabelecido de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável. Estabilidade por tradição	A moralidade é a generalidade da obrigação dos valores e dos sistemas de valores	Ruptura do poder moral dos valores pela negação de sua validade	Temporalização da moralidade. As possibilidades de um desenvolvimento posterior se convertam em uma condição de moralidade
Relação com o raciocínio moral	A razão subjacente aos valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais	Argumentação por generalização, referência a regularidades e princípios	Crítica dos valores e da ideologia como estratégia do discurso moral	A mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais

FONTE. Adaptado, Jörn Rüsen. 2011.

Nesse sentido no artigo “*A tipologia da consciência histórica em Rüsen*” de Fernando Milani Marrera e Uirys Alves de Souza (2013) expõem que: “cada uma das consciências é

desenvolvida no ser humano de modo a influenciar o seu entendimento sobre o mundo através da argumentação em que ele se respalda.” MARRERA & SOUZA (2013, p. 1075).

Diante disso, os autores apontam que na consciência histórica do tipo Tradicional o indivíduo busca trazer o passado ao presente, de modo que RÜSEN (2011) elenca que a consciência histórica ajuda a manter as tradições vivas. Na consciência exemplar, conforme MARRERA & SOUZA (2013) mencionam, o indivíduo busca explicar o seu mundo por meio de exemplos do passado, “Aqui a consciência histórica se refere à experiência do passado na forma de casos que representam e personificam regras gerais da mudança temporal e a conduta humana” RÜSEN (2011, p. 65). Com relação à consciência crítica, MARRERA & SOUZA (2013) nos mostram que o indivíduo nega alguns dos valores reconhecidos pela sociedade, já na consciência genética o indivíduo se encontra consciente de seu presente e assim de que está inserido em um mundo e, portanto Segundo RÜSEN (2011, p. 69): “Neste modelo a memória histórica prefere representar a experiência da realidade passada como acontecimentos mutáveis, nos quais as formas de vida e de cultura distantes evoluem em configurações “modernas” mais positivas”.

De acordo com o que já fora elencado, faz-se necessário refletir a importância do conceito de consciência histórica no ensino de História, desse modo Luciano Oliveira Silva (2015.) cita:

A importância da compreensão do conceito de consciência histórica se faz presente justamente, quando podemos nos deslocar, dos conteúdos puros e simplesmente, para questões de maior profundidade e que conseqüentemente passe a fazer maior significado ao aluno, sem que, contudo, deixemos de trabalhar os conteúdos previamente estabelecidos na matriz curricular de ensino. SILVA (2015, p. 160).

Em síntese, para o autor, compreender o conceito de consciência histórica é primordial para o avanço da aprendizagem do aluno, no decorrer do texto, Silva (2015) traz algumas questões que se fazem presente na vida do discente, como: “por que estudamos História?”, “o que é a História?”, ou “para que serve a História?”, desse modo, concordo com ele, já que ao ensinar História, por cerca de oito meses, os discentes fizeram esses mesmos questionamentos. A vista disso ele destaca a relevância de pensar e refletir o conceito de consciência histórica didaticamente com os alunos em congruência com os conteúdos tradicionais, o que faz com que essas perguntas ou questionamentos não sejam trabalhados isoladamente e que o professor designe maior significado ao ensino.

Pois se o aluno tem a oportunidade de fazer reflexões dessa natureza, ou seja, se ele compreende por que pensamos historicamente e conseqüentemente quais os desdobramentos desse pensar. Ele conseqüentemente terá uma maior capacidade de aprendizagem dos conteúdos a ele ministrados. SILVA (2015, p. 161).

Logo, se os alunos compreendem tais questões eles se tornam mais interessados e, como elenca o autor, capazes de entenderem o seu lugar no ensino e na História.

Desse modo, faz-se necessário enfatizar a relação existente entre o ensino da História e a realidade dos discentes, sendo assim é de suma importância que o professor entenda a realidade a qual o aluno está inserido, pois o desenvolvimento da aprendizagem escolar e a formação do estudante dependem da relação escola/família e aluno/professor, SILVA (2009) informa:

Para o bom aprendizado deve-se levar em conta não só o professor e o aluno, mas também toda uma sociedade. O aluno se dirige à escola para aprender e junto leva toda uma bagagem de conhecimento adquirida na família, com os amigos, com o meio que ele convive. Para que tudo flua de forma coerente, deve-se trabalhar todas essas relações, é um erro grave ignorar a história do aluno e fingir que ali vai ser diferente. SILVA (2009)

Segundo a autora, para mudar essa realidade e para que o processo de aprendizagem flua é necessário realizar um trabalho em conjunto entre o professor, o aluno e a família e dessa forma a educação irá progredir.

Posto isso, entende-se que o ensino da História possibilita ao aluno compreender a realidade que está inserida para assim poder transformá-la. SANTI (2020) destaca:

[...] é importante que o professor saiba se apropriar do objeto da História estando atento às realidades e questões do ensino do conteúdo determinado. Os conhecimentos de mundo dos estudantes garantem uma abordagem que atende as perspectivas de um ensino participativo e preocupado com as necessidades dos discentes quando vinculados às necessidades e à realidade. SANTI, (2020, p. 05).

Portanto, de acordo com o mesmo, a troca de conhecimentos, saberes e experiência do professor e estudante são de suma importância, já que tanto o aluno como o professor contribui para que a escola seja um espaço na qual os saberes fazem sentido.

CAPÍTULO II – PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Neste capítulo, buscamos discutir a importância da disciplina de História na Educação Básica e analisamos o que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio da Escola ECI Joel Pereira da Silva, localizada no município de Carrapateira, pensam acerca do componente curricular e como foram suas experiências com as aulas de História na sua caminhada escolar. Cremos que esse percurso é importante por nos apresentar subsídios práticos e percepções que podem contribuir como elementos de mudança da nossa prática profissional enquanto professores de História. Repensar paradigmas, para que possamos aproximar a História ensinada da história vivida, aflorando consciências históricas.

No primeiro momento do capítulo dedicamos a contextualizar e apresentar os caminhos escolhidos para a pesquisa e sistematização das fontes, apresentação dos sujeitos e análises.

Características da pesquisa

O trabalho se fundamenta na análise bibliográfica das fontes apresentadas, com o intuito de compreender o ensino de História, os seus objetivos, aspectos, enfim qual a importância da disciplina, bem como o conceito de consciência histórica pode ser compreendida e trabalhada por professores de História, além da discussão sobre Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e suas possibilidades pedagógicas na História. “A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”. SOUSA, *et. al.* (2021, p. 65).

A pesquisa que respaldou a construção desse trabalho foi de caráter descritivo e explicativo, portanto, teve como objetivo propor a descrição e explicação por meio da análise dos dados coletados, apresentando uma abordagem qualitativa. Quanto à pesquisa descritiva, SILVEIRA (2011) ressalta que esse tipo de pesquisa trabalha com a coleta de dados, por meio de questionários ou da observação sistemática. Já a pesquisa explicativa “esse tipo de pesquisa visa aprofundar o conhecimento da realidade, explicando o porquê, a razão das coisas”. SILVEIRA, (2011, p. 35).

Com relação à pesquisa qualitativa, CÓRDOVA & SILVEIRA (2009, p. 31) apontam: "A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc."

Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário composto por 12 (doze) perguntas, das quais 10 (dez) são abertas, para que os entrevistados pudessem expor seus posicionamentos com relação ao ensino de História. O questionário foi aplicado na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Médio Joel Pereira da Silva, nas turmas do 3º (A e B), foi entrevistado um total de 30 (trinta) alunos. Sobre o questionário, Severino (2007) nos traz que são: "Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo." SEVERINO (2007, p. 125). Por fim, o questionário foi impresso e aplicado de modo presencial em sala de aula. Em Apêndice final do trabalho será apresentado o questionário.

Espaço da pesquisa

A Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Médio Joel Pereira da Silva, é uma instituição estadual de ensino localizada na rua João Bezerra, sem número, no bairro central do município de Carrapateira, zona residencial. A qual permanece sendo a primeira e única instituição de ensino responsável pela etapa de ensino da qual se remete à cidade.

De acordo com as informações retiradas da Proposta Pedagógica Curricular (PPC, 2000), a serviço, há mais de 34 anos, a instituição foi criada pelo Decreto Nº 11.872 de 10/03/1987, D.O 11.03.1987, Porte 6-A, jurisdicionado pela 9ª Gerência Regional de Educação, Cajazeiras-PB. Desempenhando desde lá o seu papel educacional a comunidade carrapateirense e as comunidades circunvizinhas de suas imediações, hoje, assiste a 92 alunos que, em situações normais de ensino, seriam atendidos em turno integral, funcionando o ensino regular. A seguir, veja a ilustração da referida instituição.

Figura 1 – Fachada principal da Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Médio Joel Pereira da Silva.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Sobre a estrutura da escola, recentemente remodelada e reformada para atender o ensino integral, encontra-se em um excelente estado físico. Composta por um prédio, seu espaço físico está distribuído em 04 salas de aula, 06 banheiros, 01 cantina, 02 vestiários, 01 refeitório, 01 sala de professores, 01 diretoria, 01 laboratório de informática, 01 secretaria e 01 ginásio de esportes.

Dos recursos humanos, a escola possui 10 professores, das quais 02 são professores licenciados em Matemática, 01 diretora, 01 secretária, 02 auxiliares de serviços gerais, 02 agentes de apoio e 05 agentes escolares. Sobre os recursos financeiros, a escola se mantém através de recebimento de recursos federais a partir do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Nacional de Transporte Escolar (PNATE), entre outras, fornecidos pelo Governo Estadual.

Dos recursos materiais, a escola dispõe de 05 TV'S, 01 aparelho de DVD, 01 projetor multimídia com tela de projeção, 01 laboratório de informática com 15 computadores, 02 aparelhos de som, 01 caixa amplificadora, netbook para os professores, 02 impressoras e 01 copiadora multifuncional, livros literários, CD's, DVD's, VHS oriundos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), todos apropriados e utilizados de acordo com a necessidade de cada setor.

Da missão, a Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Médio Joel Pereira da Silva, almeja a formação de cidadãos conscientes e críticos, aptos para concorrerem em um mundo contemporâneo, onde os avanços tecnológicos evoluem de forma rápida, exigindo que o sujeito em sua formação se molde às novas realidades, desenvolvendo competências e habilidades condizentes a novas aptidões que surgem no dia a dia globalizado.

As avaliações são baseadas na pedagogia progressista crítica, com a prevalência da alternância de modelos avaliativos, das quais podemos evidenciar as avaliações diagnósticas, contínuas, formativas e somativas.

Quanto aos projetos específicos da escola desenvolvidos durante o ano letivo realizado por toda a comunidade escolar, temos:

- Escola aberta: construindo valores, ampliando possibilidades;
- Água: menos é mais (menos desperdício mais vida);
- Gravidez na adolescência;
- Juventude e drogas: espaço negativo;
- Dengue: ameaça humana.
- Direitos humanos na escola;
- A arte literária em quadrinhos;
- Física no cotidiano: uma perspectiva prática dos conceitos físicos;
- Jogos interclasses;
- A Matemática Financeira como alternativa de contextualização;
- Música e escola: dosando a aprendizagem para aprimorar saberes.

Assim, pode-se constatar que quanto aos projetos, a escola declara a sua evidente preocupação em relação a temáticas importantes e atuais, refletindo não apenas no contexto escolar e pedagógico, mas preocupando-se também com o que acontece externo as suas limitações físicas, fato que recai sobre a sua exposta missão de formar cidadãos conscientes e críticos.

Procedimentos Éticos

Os dados foram coletados, como vimos, através do questionário aplicado a alunos da rede pública, do 3º ano do Ensino Médio que concordaram participar da pesquisa por meio da assinatura do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Portanto, foi lhes dado o direito de participar ou não da pesquisa.

É notório mencionar que por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, foram cumpridos os critérios postos pela Resolução nº 510, publicada no dia 07 de abril de 2016. Por essa via, respeitaram-se os direitos individuais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Assim, preservamos por suas identidades, sendo garantida a confidencialidade das informações coletadas, mantendo total sigilo a identidade de cada aluno.

Ensino e aprendizagem em História: o que pensam os alunos?

Aqui, analisamos o que os alunos elencaram a respeito do ensino de História a partir do questionário que se dividiu em três partes: Caracterização dos entrevistados, a aula de História na visão do aluno e como o aluno gostaria de aprender História.

Caracterização dos entrevistados

Composta pelas 3 (três) primeiras questões, a primeira parte do questionário traz o perfil do aluno. A primeira questão direcionada aos discentes faz menção ao sexo dos participantes, nota-se que o sexo feminino predomina, logo se tem 20 (vinte) mulheres e 10 (dez) homens, entre os entrevistados. A revista QueroBolsa¹ mostra que no Censo Escolar da Educação Básica do ano de 2019 tem-se mais de 180 mil escolas no Brasil, nas quais acomodam cerca de 48 milhões de alunos, podendo destacar que aproximadamente 25 milhões são do sexo feminino e assim constatou-se que nas matrículas do Ensino Médio 52% são de estudantes do sexo feminino.

Por essa via, Tatiane Alves de FIGUERÊDO (2020) em seu trabalho sobre a feminização do magistério na contemporaneidade, discorre acerca do processo de escolarização feminina no Brasil e logo destaca que no período colonial as mulheres que situavam na colônia não tinham acesso a ler e escrever, já que na colônia a instrução era exclusiva ao gênero masculino, pois, como afirma a autora, as mulheres estavam voltadas à esfera doméstica, para cuidar dos filhos, da casa e do marido. Nesse contexto, ROSA (2011) também nos mostra que a educação era destinada aos homens e até ministrada pelos mesmos, de modo que, nesse processo, as mulheres foram introduzidas aos poucos.

As primeiras mulheres incluídas no processo educacional foram as da elite, filhas dos grandes fazendeiros e posteriormente pertencentes às famílias burguesas. As meninas das classes sociais mais baixas só foram inseridas nas intenções de educação, quando foi interessante para o país estender a educação para toda a população, devido aos ideais de progresso e modernização. As mulheres negras e indígenas então, só tiveram a educação com um atraso maior ainda, atraso este acarretado pelo duplo preconceito: de etnia e gênero. ROSA (2011, p. 03).

Destarte, atualmente observamos que ocorreram mudanças com relação ao espaço da mulher na sociedade e notamos isso ao vermos o aumento de mulheres nas escolas. No entanto, vale ressaltar, que apesar da inserção de mulheres em espaços sociais, inclusive na

¹ Disponível: <<https://querobolsa.com.br/revista/quanto-custa-estudar-em-uma-escola-particular-no-brasil>>.

escola, não significa igualdade de direitos, pois, em muitos espaços as relações entre homens e mulheres são marcadas por disputas de poder e a prevalência de direitos masculinos em detrimento de uma participação mais efetiva das mulheres.

Na segunda pergunta, os alunos precisam responder qual a sua faixa etária, e percebe-se que a maioria dos alunos tem de 16 a 18 anos de idade, logo temos 24 (vinte e quatro) estudantes com faixa etária de 16 a 18 anos, 5 (cinco) de 18 a 20 anos e apenas 1 (um) de 20 a 22 anos.

Com relação à terceira questão, os discentes tinham que responder se gostam da disciplina de História e o porquê. Desse modo, notou-se que a grande maioria dos entrevistados alegou gostar da disciplina, as quais ressaltaram gostar porque a disciplina de História é muito interessante, outros destacaram que traz conhecimentos dos nossos antepassados, e alegaram ser uma disciplina fácil de aprender. Ressalte-se que somente dois, dos entrevistados, indicaram que não gostavam, pois acham a disciplina confusa. É importante compreendermos, que muitas respostas podem ser dadas no sentido de o sujeito não querer discordar politicamente do entrevistador e não querer demonstrar uma visão contrária ao que se considera ser o correto socialmente, neste caso, gostar de História. Porém, as próximas questões podem elucidar melhor essa relação.

Nesse sentido, é importante percebermos que a História precisa estar ligada à ação de reconstruir sentidos, de educar memórias, de compreender o mundo no qual vivemos, posto que, a partir da mesma, podemos situar-nos como sujeito histórico, conhecer um pouco da história dos nossos antepassados, os esforços que eles fizeram, podemos, ainda, entender mais sobre as diferentes culturas. Marc Bloch (2001) enfatiza que a História é a ciência dos homens no tempo, para ele, falar que História é uma ciência do passado é totalmente errôneo, já que BLOCH (2001) afirma que o passado não é objeto da ciência, reconhecendo assim, os homens como objeto da História.

FONSECA (2003) também traz essa definição para a História, como o estudo da experiência humana no passado e no presente e assim enfoca: “A história busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, através do tempo e do espaço.”. FONSECA (2003, p. 40).

A aula de História na visão do aluno

Nessa parte do questionário buscamos compreender como os alunos veem as aulas de História, para isso os entrevistados foram identificados por números de 1 a 30. Por essa via, eles responderam se consideravam as aulas de História importante, a nota que dariam ao

ensino de História, se consideram a disciplina fácil ou difícil, se apresentam alguma dificuldade em aprender os conteúdos propostos pela disciplina, o que entendem por História e em que esta contribui.

O aluno 1 disse: "A História é importante, pois nos faz entender de onde viemos, quem somos, quem nos tornamos". Este deu nota 10 pelo ensino de História em sua escola, considerando a disciplina fácil, não havendo dificuldades em aprender os conteúdos. Ao ser questionado sobre o que é História respondeu "É tudo aquilo que aconteceu, é uma ciência e estuda as nossas ações". Destarte, destacou que é preciso estudar História, pois ela traz o conhecimento sobre seus antepassados. Nesse caso, por mais que o aluno caracterize a História como tudo aquilo que aconteceu e que está no passado, ele aponta que ela estuda nossas ações, se colocando como sujeito da História e indicando uma concepção importante de História, na qual homens e mulheres transformam a realidade.

O aluno 4 ressaltou que a disciplina de História é essencial, já que proporciona conhecer as diferentes culturas, assim deu nota 10 para o ensino de História, ademais disse que a disciplina de História é fácil pois conforme o mesmo, "o professor tenta fazer com que todos aprendam de maneira descontraída". Logo, não apresenta dificuldades quanto aos conteúdos. Por conseguinte, informou que a História estuda as ações humanas, os nossos costumes e é preciso estudá-la para construirmos a nossa identidade e aprender a conviver com a diversidade.

Essa fala nos remete ao que BOSCHI (2019) apresenta em seu livro intitulado *Por que estudar História?* Quando ressalta que o estudo da História é importante para que possamos nos conhecer melhor e compreender a realidade na qual nos inserimos, já que a História é vida e estudá-la é aprender a fazer perguntas, ao modo que a História nos traz como uma das suas funções permitir compreender a vida em sociedade e os homens que a compõem. O autor enfoca que a História serve para que o homem conheça a si mesmo, as suas afinidades e até as suas diferenças com relação aos outros, sendo o estudo da mesma uma forma de nos socializar, trazendo a necessidade de nos posicionar diante dela, pois é parte do nosso cotidiano e somos sujeitos dela.

O aluno 7 comunicou que a disciplina de História é de extrema importância, já que contribui para a formação da identidade, para o exercício da cidadania. Este deu nota 10 para o ensino da disciplina e ressaltou ser uma disciplina fácil, não apresentando dificuldades com relação aos conteúdos. Quando perguntado o que é a História, respondeu: "É uma ciência que estuda o homem". Ademais, descreveu que a disciplina é importante porque contribui para a formação da criticidade.

O aluno 9 ressaltou que a disciplina é fundamental para que possamos ter conhecimento sobre o que aconteceu antes da nossa existência, dando ao ensino de História nota máxima, destacou ser fácil a disciplina, portanto não apresenta dificuldades quanto aos conteúdos. Destarte, elencou que a História é uma disciplina que estuda as ações humanas ao longo do tempo e que proporciona conhecimento.

O aluno 11 elencou que a disciplina de História é de grande relevância, pois é a partir dela que podemos conhecer o outro, seus costumes, suas tradições e diferenças. Ressaltou que gosta muito de estudar História, deu nota 10 para o ensino da disciplina, considerando-o fácil, não apresentando dificuldades. Ao ser perguntado o que é a História, disse: “É uma disciplina que estuda o homem, que nos mostra o que aconteceu no passado para assim podermos entender o nosso presente”. E quando questionado em que esta contribui, elencou que contribui para conhecer quem somos e quem fomos.

Analisando essas falas, podemos retomar as ideias de BOSCHI (2019) acerca da História como ferramenta de educação, de formação de consciência, uma ferramenta para conhecer a realidade e agir sobre ela e assim destaca: “É preciso levar em conta, no entanto, que cada um de nós tem uma percepção diferente da realidade, e isso acontece porque somos diferentes”. BOSCHI (2019, p. 18). Nesse sentido, ele aponta que a História tem como um dos seus objetivos nos ensinar a conviver de uma maneira melhor com as diferenças que existem em nosso meio social, ajudando a sermos mais tolerantes, portanto, frisa que a História possibilita a compreensão de costumes e tradições diferentes dos nossos, proporcionando dessa forma a experiência da convivência multicultural, nessa linha FONSECA (2003) também ressaltava que a História é de extrema importância para se perceber a diversidade, pois, ela (a História) instrui a ter respeito pela diferença.

Ainda, segundo BOSCHI (2019) a História é um conhecimento em constante construção, permanente de mudança, de transformação e que é interpretada de acordo com a ótica e os valores de cada época, portanto a História é reescrita continuamente. Outro ponto interessante analisado pelo autor é o caráter prospectivo da História, ou seja, pode-se projetar ou delinear o futuro utilizando o conhecimento histórico, mas para isso é necessário ter domínio sobre as informações do presente. “Quanto mais conhecermos o presente maior será nossa capacidade de delinear aspectos do futuro”. BOSCHI (2019, p. 26).

Posto isso, percebe-se que estes alunos percebem o valor e a importância da História, para que ela serve e em que contribui. Porém, a maioria dos entrevistados ao serem questionados sobre o que é a História, em que contribui e qual sua importância, referiu-se ao passado, como veremos adiante.

O aluno 2 destacou que a disciplina de História é importante porque é a partir dela que compreendemos o passado, disse gostar muito da disciplina e assim deu nota 10 e considerou fácil estudar História: “Por ser uma matéria que estuda o passado o aluno tem mais vontade de aprender”. Relatou não apresentar dificuldades em aprender os conteúdos e quando questionado o que é a História e em que ela contribui, respondeu: “É uma ciência que estuda as ações dos nossos antepassados e que gera conhecimento sobre o que aconteceu antes da nossa existência”.

O aluno 3 apontou que a História é importante para sabermos quem fomos no passado, posto isso apontou gostar da disciplina, não tem dificuldades em aprender os conteúdos e atribuiu nota 10 para o ensino da História pois considera a disciplina muito fácil. Para o aluno a História é tudo que vem do passado, as ações humanas, os costumes e contribui para obter conhecimento para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e para construção da identidade.

O aluno 5 ressaltou que a História é importante, pois com ela podemos aprender tudo o que aconteceu antes da nossa existência, disse gostar muito da disciplina, dessa forma efetuou nota máxima para o ensino de História e relatou não possuir dificuldades. Ademais, mencionou que a História são fatos dos antepassados e sobre em que a História contribui, disse: “Contribui para passar nas provas e obter conhecimento para o Enem”.

O aluno 6 considera a História importante, porque é com ela que entendemos o que ocorreu no mundo no decorrer do tempo, apontou que gosta da disciplina e deu nota máxima para o ensino dela em sua escola e assim não apresenta dificuldades em aprender os conteúdos. Para este a História é: “É a matéria que estuda o passado e a cultura dos diferentes povos”. Ademais, informou que a disciplina contribui para obter conhecimento acerca dos nossos antepassados.

O aluno 8, ao ser questionado considera a disciplina de História importante, destacou: “Sim, é importante para termos conhecimento sobre o que aconteceu no passado”, mencionou que gosta da disciplina e logo atribuiu nota máxima ao ensino de História, tendo em vista que não possui dificuldades em compreender os conteúdos aplicados. Além disso, apontou que a História são coisas que aconteceram no passado e nós é quem a fazemos, sendo a mesma uma disciplina que contribui para a aquisição de conhecimento, conhecimento sobre as diversas tradições e costumes.

O aluno 10 apontou que a História é importante, pois contribui na formação da identidade e disse gostar da disciplina, atribuindo-lhe nota 10, destacou ter facilidade em aprender os conteúdos. Sobre o que é História, frisou: “É uma ciência que estuda o homem do

passado”. E quanto à contribuição que a disciplina propõe, informou: “Contribui para o desenvolvimento da cidadania e para conhecermos o que aconteceu antes de nós”.

O aluno 12 frisou que a disciplina é importante, porque traz conhecimento dos antepassados e que gosta de estudar História, tanto que atribuiu nota máxima para o ensino da disciplina e relatou ser fácil, pois não existem cálculos. Ademais, salientou que a História estuda o que ocorreu com os nossos antepassados e contribui para conhecermos a necessidade do outro e obter conhecimento para o Enem.

O aluno 16 relatou que a História é de extrema importância porque conta o que ocorreu no passado e que gosta da disciplina, pois os conteúdos são muito bons, assim sendo deu nota 9 ao ensino de História em sua escola e disse que era fácil estudar História, não apresentando nenhuma dificuldade. Enfatizou que a História é o tempo antigo e que contribui para obter conhecimento sobre o que ocorreu ao longo do tempo.

O aluno 20 citou que a disciplina de História é de grande relevância para podermos conhecer a história do nosso país e que gosta da disciplina, porém acha confuso e deu nota 9 para o ensino de História em sua escola a qual não apresenta dificuldades em compreender os conteúdos. Para o aluno a História é: “A disciplina que estuda nossos antecedentes e contribui para conhecermos o passado”.

O aluno 21 informou não considerar a disciplina de História importante, pois segundo ele, se estuda muita coisa do passado, dessa forma disse não gostar da disciplina e assim deu nota 6 para o ensino da História, destarte relatou que a disciplina é difícil pois tem muita leitura e ao ser questionado sobre o que é a História e em que contribui apenas destacou que é uma matéria que traz conhecimento.

Analisando o que os 30 (trinta) entrevistados informaram, nota-se que a maioria remete a História ao passado, no entanto, entendem por História uma disciplina que estuda o passado, em que sua maior importância é nos mostrar o que aconteceu antes da nossa existência e obter conhecimento para realizar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), tendo em vista que alguns visam apenas tirar uma boa nota na prova, em vez de focar no verdadeiro objetivo que é aprender a sua importância como significativo componente curricular.

O que nós podemos destacar nessas falas, é que mesmo apontando a importância da disciplina de História e a afinidade que eles mantêm com ela, o entendimento geral é que é uma disciplina que estuda o passado, os homens no passado, o que aconteceu antes, sem fazer uma menção à relação da História com o tempo presente ou com o futuro.

Mais do que uma ciência que estuda o passado, segundo BOSCHI (2019) evidencia que a História pode ser um instrumento de consciência, de libertação e de cidadania e quando destaca que a História é libertação implica dizer que é um veículo para obtenção da consciência de direitos e deveres, desse modo é também um fator para a formação da cidadania.

Construir a História inclui também a formação e o aprimoramento de uma consciência universal sobre os direitos humanos. Nessa categoria se incluem os direitos sociais, que garantem condições dignas de moradia, alimentação, trabalho, educação e lazer para todos; os direitos políticos, que asseguram a participação dos cidadãos na vida política de seu país; e os direitos civis, que dizem respeito às liberdades individuais, como locomover-se ou expressar o próprio pensamento. BOSCHI (2019, p. 64).

Na atualidade, um dos objetivos centrais do ensino de História é a sua contribuição na construção da identidade. “A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular”. BITTENCOURT (2008, p. 121). Portanto, a autora frisa que a contribuição da História se dá na formação da cidadania, ao modo que, associa-se a do cidadão político.

Sobre esse aspecto a História é fundamental para que o aluno se perceba com um sujeito histórico, um ser social e quanto a isso Jaime e Carla Pinsky (2009, p. 21) reforçam: “Cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos”.

Ressalte-se que FONSECA (2003) destaca que a História é uma disciplina formativa, educativa, libertadora e emancipadora, sendo muito importante para a formação da consciência histórica, como aqui já vimos anteriormente, ela enfoca que a História proporciona a construção da identidade, a intervenção social. Ademais, a autora nos traz que o ensino de História no Brasil, na atualidade, aponta como uma de suas principais características a busca pelo fim da exclusão, logo, o ensino da disciplina é capaz de auxiliar para a luta da sociedade, como os direitos do homem, a paz e a democracia.

Diante do que já foi exposto aqui sobre a importância do ensino de História, surge um questionamento: para que a História? E assim BOSCHI (2019) ressalta:

Este é, em suma, o fundamento da História, seu para quê mais profundo: dar sentido à vida pela compreensão de uma totalidade da qual fazemos parte; dar sentido social primeiramente à pequena comunidade que nos rodeia, depois à espécie humana como um todo e, finalmente, num exercício de imaginação, à coletividade dos seres racionais e livres do universo. BOSCHI (2019, p. 28).

Por fim, compreende-se que estudar História não é uma atividade somente para quem a escolhe como profissão, independente da área de trabalho ou do campo profissional, todos nós devemos estudar essa disciplina, pois ela faz parte do nosso cotidiano.

Como o aluno gostaria de aprender História

Aqui, será analisado como o aluno gostaria de aprender História, se considera necessário o estabelecimento de tecnologias nas aulas e a necessidade de renovarem o ensino. Como já posto, anteriormente, os entrevistados foram enumerados de 1 a 30. No entanto, apresentamos as respostas que consideramos mais relevantes e que resumem de maneira mais significativa as demais falas dos alunos. Dessa forma, acreditamos estar condensando as perspectivas acerca da ideia de uma aula ideal de História que representaria as defesas dos 30 alunos.

O aluno 5 destacou que é fundamental o professor trazer para sala de aula outros materiais didáticos, além do livro, como por exemplo filmes, vídeos e até mesmo viagens para lugares históricos, como museus.

O aluno 7 relatou: “Considero importante e necessário a incorporação das tecnologias nas aulas, pois, elas nos chamam mais atenção, torna as aulas menos monótonas”. Destarte, mencionou a importância de todas as disciplinas renovarem o ensino.

As falas dos alunos vêm apontando a importância da incorporação de novas metodologias no ensino e, conseqüentemente da inserção das tecnologias nas aulas de História, porém, é importante destacarmos que, na escola e em qualquer contexto, as tecnologias podem ser positivas ou negativas e análises sobre elas não devem ser realizadas apenas por seu lado técnico, mas percebidas no espaço social em que estão inseridas. De acordo com PORTO (2006):

Analisar o papel que as tecnologias e as informações/imagens têm desempenhado na vida social implica não somente explorar as características técnicas dos meios, mas buscar entender as condições sociais, culturais e educativas de seus contextos. Esse enfoque é primordial para perceber as possibilidades que se estabelecem com o uso

das modernas – algumas já nem tão modernas assim – tecnologias. PORTO (2006, p. 44).

Nesse sentido, no ambiente escolar não é diferente, o sucesso ou fracasso das tecnologias não depende de especificações técnicas de computadores, mas de fatores políticos, econômicos, sociais, pedagógicos, culturais, entre outros.

Podemos destacar, porém, alguns pontos importantes das tecnologias na educação. Primeiro, as redes digitais, onde hoje circulam um número infinito e crescente de informações, propiciam uma nova forma de tratamento cognitivo das pessoas, pois essas redes se apresentam como uma extensão da memória humana, alterando a própria forma de memorização dos educandos; ou mesmo, como nos relacionamos com a ideia de passado, presente e futuro, por exemplo.

O aluno 10 informou que quando o professor de História traz para as aulas slides, vídeos e documentários nota-se que a turma consegue captar melhor os conteúdos, quando utilizado a tecnologia e materiais didáticos diversificados.

O aluno 13 frisou a importância do livro didático, o qual não podemos substituí-lo, porém é fundamental incorporar nas aulas de História ferramentas tecnológicas, já que segundo ele: “Vivemos em um mundo globalizado, a maior parte da população da nossa cidade tem acesso a celular, computador e assim estamos cada vez mais dentro do mundo tecnológico e desse modo o professor deve renovar o ensino e trazer essas ferramentas para a sala de aula”.

O aluno 17 destacou que o professor de História traz para as aulas, documentários, vídeos, filmes fazendo com que as aulas se tornem interessantes e dinâmicas, despertando no aluno mais curiosidade sobre os conteúdos.

O aluno 19 apontou: “O professor de História geralmente traz slides, documentários e com isso as aulas se tornam melhores, logo, acho muito bom o estabelecimento das tecnologias em sala de aula, não apenas nas aulas de História, mas também nas demais disciplinas”.

O aluno 23 mencionou que o professor deve sempre procurar renovar o ensino, trazendo outros materiais didáticos e dando destaque a tecnologia, pois está presente cada vez mais na sociedade.

O aluno 25 disse que o uso das tecnologias nas aulas de História incentiva-os a participar de forma mais ativas nas aulas: “Acho que o uso de filmes, por exemplo, gera não

só entretenimento, mas também a capacidade da gente refletir com outros olhares o conteúdo apresentado pelo professor”.

O aluno 28 informou que o manuseamento das tecnologias, perante as aulas ministradas de História, torna a construção do conhecimento lúdica e prazerosa de se aprender, gerando um cenário de maior debate quanto aos conteúdos.

O aluno 30 mencionou que o uso das tecnologias em sala motiva os alunos a participarem cada vez mais nas aulas e assim quando o professor traz um filme ou, até mesmo, passa algum trabalho de pesquisa utilizando a internet deixa a aula interessante e gera mais debate.

Uma questão importante a destacar, a partir das falas dos alunos, é que o ensino não pode ser mais pautado no tradicionalismo. A exposição de conteúdos precisa ser substituída pela construção do conhecimento e isso é bem claro no ensino de História, ao invés de memorizar datas e nomes, precisamos compreender como e porque as mudanças e permanências ocorreram no tempo. E de acordo com CAIMI (2012):

Novas e desafiadoras demandas de aprendizagem nos são colocadas pelas especificidades do nosso tempo. Vivemos numa sociedade com ritmos de mudança muito acelerados, que requer saberes e habilidades em múltiplos domínios, exigindo dos professores e estudantes uma capacidade de integração e relativização de conhecimentos que vai muito além da assimilação e reprodução de conteúdos escolares. CAIMI (2012, p. 25)

Por essa via, todos os alunos consideraram de extrema importância o estabelecimento das tecnologias nas aulas de História, tendo em vista que a renovação do ensino abre um leque de conhecimentos e despertar no discente mais interesse pela disciplina, assim contribuindo no processo ensino/aprendizagem. Uma questão que consideramos importante, é que não é possível desassociar educação de tecnologias, principalmente pela natureza educativa presente nas tecnologias, pois de acordo com KENSKI (2007):

Para ser assumida e utilizada pelas demais pessoas, além do seu papel criador, a nova descoberta precisa ser ensinada. A forma de utilização de alguma inovação, seja ela um tipo novo de processo, produto, serviço ou comportamento, precisa ser informada e aprendida. KENSKI (2007, p. 43).

Nesse sentido, mesmo que uma tecnologia não garanta um aprendizado de conteúdos, ainda assim, ela é potencial no desenvolvimento de certas competências e habilidades. No

nosso contexto educacional, as mídias ainda não possuem um papel de destaque e sua utilização ainda é muito restringida e, de maneira geral, elas se apresentam como auxiliares no processo educativo, ou ainda, são usadas apenas para justificar certos gastos públicos e a cobrança social por melhoria na educação.

Outro ponto a ser destacado, é que as TICs podem propiciar aos educandos uma forma mais autônoma de aprendizagem, na qual eles filtram seus interesses e passam a se comportar como pesquisadores ativos e não “recipientes” das informações do professor.

É uma possibilidade dos educandos falarem de igual para igual com professores, sem que isso configure uma ação de desrespeito, mas um diálogo entre agentes ativos no processo de ensino e aprendizagem, ambos aprendendo e ambos ensinando. Nessa perspectiva, podem perceber que a História pode ser ensinada levando em consideração suas formas de interações sociais, o mundo virtual e processos cognitivos mais amplos, relacionando os conteúdos históricos a percepções temporais e de conceitos históricos presentes no próprio cotidiano dos alunos, como presente, passado e futuro; ou mesmo sincronismo, assincronismo e consciência histórica.

CAPÍTULO III – TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO ENTRE O CONTEXTO DO ALUNO E A HISTÓRIA

As tecnologias digitais da informação e comunicação² (celulares, computadores, internet, entre outros) são recursos que fazem parte da realidade dos alunos e da construção de suas narrativas; o que nos permite recorrer ao seu uso para uma maior aproximação com a consciência histórica, seu uso em sala de aula contribui para o desenvolvimento da consciência histórica do aluno. Assim, é de grande importância incorporar no ensino de História, diferentes fontes e linguagens, pois de acordo com Fonseca (2003) “as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica.” FONSECA (2003, p. 164). Diante disso, a autora destaca a necessidade de atualizar as metodologias de ensino na contemporaneidade e estabelecer diferentes fontes na sala de aula.

No século XXI, as tecnologias se encontram em todos os espaços sociais e, segundo SOUSA, (2017) “Podemos considerar a tecnologia como um fenômeno histórico e social, pois remonta aos primórdios da vida na Terra da espécie *homo* quando passaram a viver em pequenos grupos.” SOUSA (2017, p. 106). No campo da educação, podemos considerar que tecnologias são recursos educacionais que contribuem para a aprendizagem dos alunos. Recortando esse conceito, as TDICs, que fazem parte de um universo menor do que consideramos ser tecnologias, utilizadas no espaço escolar, podem proporcionar outras formas de interação e perspectivas de aulas, elas foram fundamentais no âmbito escolar durante a pandemia do COVID-19, período no qual tivemos que viver isolados em relação aos corpos, mas ativamente integrados a partir do uso das TDICs.

Porém, sua utilização ainda é algo desafiador para os professores. Perante os grandes avanços tecnológicos, o sistema educacional vem se modificando para atender aos jovens/alunos que vivem conectados no mundo virtual, e há uma crescente necessidade de que os docentes possam incorporar essas tecnologias aos seus processos educacionais a fim de potencializar a construção do conhecimento, de modo que os alunos se tornem cidadãos

² É importante entender que o termo tecnologia em si não se relaciona diretamente ao que chamamos de DTICs. Segundo Kenski (2007), podemos entender tecnologia como “um conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade” (p. 24). Quando nos referimos às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, estamos falando de tecnologias mediadas por aparelhos eletrônicos digitais e seus softwares, que simulam a realidade concreta em espaços virtuais.

críticos e reflexivos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Nota-se que essa construção de conhecimentos, de formar um aluno com pensamento crítico reflexivo, relaciona-se com a consciência histórica, que em uma sociedade mediada por tecnologias digitais, pensa tempo e espaço em lógicas diferentes das anteriores.

Nesse sentido, o uso de diversificadas fontes no ensino de História é de grande relevância, pois renova o ensino e tornam as aulas menos monótonas, portanto MEDEIROS (2005) em seu texto intitulado *Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada*, frisa a importância da utilização de diferentes fontes e linguagens no ensino da disciplina de História:

O uso de diferentes linguagens, parte do mundo em que o aluno está inserido, auxilia na difusão e compreensão do conhecimento histórico escolar. A incorporação dessas linguagens evidencia também a aproximação que deve existir entre o conhecimento histórico e a realidade em que o aluno vive, trazendo para a sala de aula um novo conceito de ensino e aprendizagem. MEDEIROS (2005, p. 60).

A autora nos mostra que a incorporação de diferentes linguagens e fontes no ensino da História torna o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico, prazeroso e significativo. Destarte, ela enfatiza que o professor tem que estar em constante atualização e ter uma postura reflexiva, bem como renovar as metodologias em sala de aula. MEDEIROS (2005) nos chama atenção que crianças e adolescentes têm um contato muito grande com o cinema, com a televisão, com a internet, mas na sala de aula eles se veem em um mundo totalmente diferente, já que são poucos desses recursos que o docente utiliza e consequentemente: “isso gera um aparente conflito entre alunos/professores/escola, ocasionando não só o desinteresse pelo conteúdo como também situações de indisciplina e falta de participação em sala de aula.” MEDEIROS (2005, p. 61).

Essa problemática se amplia na sociedade repleta de nativos digitais, que são as pessoas que já nasceram imersas no mundo no qual as tecnologias digitais já existiam e, consequentemente, as encaram como recursos naturais, como se sempre existissem. Essa geração, também conhecida como Geração Y, nascida a partir dos anos de 1990, é caracterizada por PRENSKY (2001), citado por LEMOS (2009), como:

Os nativos digitais são acostumados a receber informação muito rápido. Eles gostam de processos paralelos e ao mesmo tempo. Eles preferem gráficos a textos. Utilizam acessos randômicos como hipertextos e funcionam melhor

em rede. Os nativos digitais preferem jogos do que “trabalho sério”. PRENSKY *apud*. LEMOS (2009, p. 39)

Mesmo frente a esse mundo virtual e tecnológico, que está se adentrando no contexto educacional, ainda existem professores que continuam a utilizar o método tradicional de ensino, como é ressaltado por CONTIN & PINTO (2016, p. 37), que mesmo com as mudanças, nas quais estamos passando em relação à tecnologia, ainda existem muitos professores que permanecem no método tradicional de ensino: “o processo de aprendizagem deste paradigma tradicional prioriza o acúmulo de conhecimento, a relação hierárquica, a produção de seres obedientes e sem pensamento crítico”.

A vista disso, os autores destaca que o método tradicional de ensino não é uma realidade que condiz com a atualidade, de forma que no século XX houve a descoberta de novos paradigmas, a partir dos quais as tecnologias utilizadas em sala de aula ganham nova dimensão. Porém, vale ressaltar que a adoção de tecnologias digitais, por si só, não significa que o professor está deixando a concepção tradicional de ensino, se ele não mudar a perspectiva de construção do conhecimento, se não rever os papéis dos sujeitos nesse processo, a tecnologia mais moderna não irá configurar renovação na sua prática educativa.

O método tradicional no ensino de História, como ressalta FONSECA (2003), acaba dificultando a compreensão da História como experiência humana de diferentes grupos e sujeitos, assim:

Ela norteia-se, em muitos espaços de formação, por uma concepção de ensino e aprendizagem que separa rigidamente a transmissão de informações da reflexão, da descoberta e da elaboração. Logo, essa prática inibe o processo de compreensão do conhecimento como uma possibilidade de permanente reconstrução do saber. FONSECA (2003, p. 245).

Porém, ela nos traz que nos dias de hoje a escola é um espaço complexo de debates que carrega diversas propostas de saber, então há diferentes possibilidades de aprender e ensinar.

CONTIN & PINTO (2016) enfocam que não adianta o professor utilizar novos recursos tecnológicos, mas manter a proposta de construir um aluno para que se torne um banco de informações: “Portanto, mesmo utilizando, enquanto professor, várias inovações tecnológicas, metodológicas e didáticas, se a minha postura frente a estas inovações e qual o

tipo de aluno que desejo formar, não mudar, de nada adianta! O paradigma não muda!” CONTIN, *et. al.* (2016, p. 40).

Nesse sentido, defendemos a ideia de que os alunos não são tábulas rasas a serem preenchidas. Dessa forma, outro conceito importante para ser considerado na educação atual é o da aprendizagem significativa, que tem como maior expoente David Ausubel. De acordo com o texto organizado por Moreira, CABALLERO & RODRÍGUEZ (1997), baseado nas ideias de Ausubel:

Aprendizagem significativa é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-literal) à estrutura cognitiva do aprendiz. É no curso da aprendizagem significativa que o significado lógico do material de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o sujeito. Para Ausubel (1963, p. 58), a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento. (s/p). AUSUBEL *apud* MOREIRA *et. al.* (1997, p. 19-20)

No nosso entendimento, a aprendizagem significativa é aquela que não despreza as construções cognitivas que já existem nos alunos, mas, ao contrário, dialoga e contribui na construção do conhecimento dos educandos. É uma aprendizagem que não se apresenta como um arbitrário cultural, ou seja, como uma verdade que deve ser imposta como único saber. Nesse sentido, o que interessa mais aos aprendentes é apreender novas habilidades de aprender, pois, na prática, a aprendizagem significativa é aquela que pode ser utilizada nas mais diversas situações. Nessa perspectiva, o que tem dado significado à vida da maioria dos jovens na atualidade são seus processos de interação mediados por tecnologias digitais e, dessa forma, é irremediável sua utilização na escola e no ensino de História.

Em se tratando da relação entre Educação e Tecnologia, no artigo *Educação, tecnologia e criticidade* do professor Israel Soares de Sousa 2017, nota-se que as tecnologias, ou melhor, as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) são poderosos recursos educacionais e desafiadores para os professores, desse modo, o autor ressalta que os docentes têm de rever os seus conceitos, bem como as suas práticas cotidianas, para tentar converter tais informações em conhecimentos mais significativos aos seus alunos.

Em um mundo globalizado, as mídias fazem parte do cotidiano da sociedade, principalmente no âmbito escolar, devido possuírem uma abundante quantidade de informações e por serem bem mais acessíveis para o público em geral. Ademais, urge

ênfatizar que esses meios transformam o modo de ensinar, tornando-o mais dinâmico e produtivo, visando uma aprendizagem mais eficiente, posto isso Jacques GONNET (2004), menciona que não existe uma definição única das mídias, pois é algo que foi enriquecido ao longo das últimas duas décadas. “Descrevendo as mídias, nós nos referimos, hoje, tanto a instituições (France 3, Europe 1 etc.), a gêneros (jornais, revistas etc.) ou a técnicas (fax, rádio).” GONNET (2004, p.16).

Entretanto, o autor enfoca que todas as definições de mídias a relacionam com a comunicação. Assim nos traz que há uma diversidade de mídias e por essa via nos mostra três tipos, as quais são elas: as mídias autônomas, as mídias de difusão e as de comunicação. Nas mídias autônomas, GONNET (2004) menciona que esta não necessita de ligação a redes particulares; já nas mídias de difusão destaca que ela se dá por cabos ou ondas hertzianas, por exemplo, a televisão e o rádio; quanto as mídias de comunicação, estas permitem construir a interação e a exemplo dessas mídias o autor cita o telefone.

Sobre a educação JACQUES (2004) informa que está, como evidência a raiz latina *ducere*, prevê a existência de um guia, ou seja, de um educador a quem o ensino é confiado, logo o autor aborda o conceito de educação para as mídias:

Temos um eco desta significação na definição que propõe em 1973 o Conselho Internacional do Cinema e da Televisão (CICT): “Por educação para as mídias convém entender o estudo e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos de conhecimentos tais como as matemáticas, a ciência e a geografia”. GONNET, Jacques (2004, p. 23).

Portanto, a educação para as mídias seria uma educação crítica para a leitura das mídias. Ademais, GONNET (2004) ressalta, ainda, que muitas pessoas consideram que as mídias deveriam constituir uma disciplina autônoma nos sistemas educativos, assim surge a necessidade e o interesse em conhecer os problemas de educação para a mídia. Sabendo que existem diferentes programas de educação para as mídias no mundo, ele enfatiza:

Oriundos na maior parte dos casos de relatórios oficiais encomendados por ministros de Educação, eles trazem a marca de suas origens. Eles tentam síntese de expectativas contraditórias, buscam traduzir evoluções que parecem inelutáveis, mas são também ferramentas de estratégia para sacudir os sistemas pesados, para contornar grupos de pressão suscetíveis de impedir qualquer movimento. GONNET, JACQUES (2004, p. 50)

Posto isso, pode-se mencionar que os programas de educação para as mídias estabelecem referências e recomendações. A escola deve alertar o jovem contra as diversas formas de influências ou de manipulações midiáticas, porém carece torná-lo apto a uma atitude criativa com relação às mídias e com relação a esse processo de orientar os discentes para que utilizem as mídias de forma positiva. Nesse contexto, Sousa 2017 destaca que o professor juntamente com a escola, tem a responsabilidade de orientar os discentes nesse processo de ensino aprendizagem, do uso dessas tecnologias, assim o docente precisa selecionar fontes de informações que sejam pertinentes às vivências educacionais, pois:

A internet, que apresenta uma grande possibilidade de acesso e consultas aos mais diferenciados tipos de informação, que podem ser de caráter educacional, mas também podem estar ligadas às outras áreas, se apresenta aos alunos como uma sedutora fonte de possibilidades e convivências sociais. SOUSA, (2017, p. 105).

Dessa maneira, percebe-se que as tecnologias potencializam e contribuem para a aprendizagem dos alunos quando utilizadas de maneira correta, sabe-se que o professor deve instruir o discente acerca do uso das tecnologias, porém a escola, como nos mostra Sousa 2007, tem de formar e preparar o docente para o uso da tecnologia. Ademais, torna-se fundamental incorporar novos métodos de ensino em sala de aula, como as tecnologias, que são poderosos recursos educacionais que contribuem para a aprendizagem dos alunos, tornando o ensino menos monótono e fazendo com que o aluno deixe de ser um sujeito passivo e passe a ser um sujeito ativo.

Consideramos que existem muitas necessidades de mudanças no nosso sistema educacional, não mudanças pontuais, mas uma reformulação estrutural que perpassa por questões políticas, econômicas, culturais e pedagógicas. Pois, mesmo com uma vasta produção teórica na área de educação, pouco é feito em termos de políticas públicas que possam melhorar a qualidade da educação no nosso país. Nessas prementes mudanças, acreditamos que as tecnologias da informação e comunicação têm papel primordial, isso porque elas fazem parte da realidade da maioria das pessoas e, por outro lado, podem dar um direcionamento diferenciado a forma de fazer educação, pois, a partir de sua natureza interativa, podem estimular as múltiplas inteligências e, ontologicamente, apresentam uma aprendizagem significativa.

Como é posto por SOUSA 2017 “As novas tecnologias da informação e comunicação colocam o professor frente a uma quebra de paradigmas e costumes, que muitas vezes o incomodam, pois, em alguns casos, o despreparo para trabalhar com o computador” SOUSA (2017 p. 105), por exemplo, o deixam em situações incômodas, por revelar seu ponto fraco. Nesse processo, cabe à escola a função de preparar e formar o professor para o novo da tecnologia e, ao professor, o desafio de se superar suas limitações e compreender que só através de sua inserção no mundo real da informática, ele se adequará à atual realidade dos alunos do Brasil.

Como já ressaltado, o uso das tecnologias no espaço da sala de aula contribui para o desenvolvimento da consciência histórica do aluno, pois o mesmo se torna protagonista no ensino, passando a estar no centro, e não mais aquele que recebe as informações do professor, o aluno passa a fazer parte da construção do conhecimento. O protagonismo estudantil é de extrema importância para a construção do conhecimento e da autonomia do estudante. “Um estudante autônomo é aquele capaz de pensar, agir, transformar, de decidir por si próprio acerca dos seus atos e escolhas, de assumir a responsabilidade, de se assumir enquanto sujeito social.” VOLKWEISS *et. al.* (2019. p.04).

Desse modo, o aluno desenvolve um pensamento crítico e habilidades cognitivas, o que lhe permite se conhecer melhor, bem como o espaço e a realidade que está inserido, para que assim realize projeções do futuro. Portanto, as TDICs têm um papel fundamental no protagonismo estudantil, de forma que o seu uso torna o aluno mais ativo e participativo:

Para o aluno de hoje, o importante não é consumir informações, receber conteúdos de forma passiva, mas sim construir e produzir conhecimentos e desenvolver competências de grande exigência cognitiva que o ajudem a ser um cidadão reflexivo e crítico ao longo da sua vida acadêmica, profissional e pessoal. GRAÇA, *et. al.* (2020, p. 596)

Sendo assim, as metodologias ativas, como a sala de aula invertida, o uso das tecnologias torna o aluno mais participativo nas aulas, este se transforma no protagonista, enquanto o professor se torna mediador, fazendo com que tenha percepção da consciência histórica e desenvolvam competências cognitivas.

Diante disso, SOUSA JR. (2022) enfatiza que a melhor maneira de o ensino/aprendizagem caminhar é a partir da participação ativa dos envolvidos, de forma que os alunos se tornem protagonistas nesse processo, ao modo que o professor deve proporcionar

um ensino que concilie os conteúdos com as novas tecnologias de forma dinâmica, assim como coloca o autor possibilitar a construção de saberes.

É auxiliando os estudantes na aplicação dos conhecimentos disponíveis para o desenvolvimento de competências que devem atuar os educadores da contemporaneidade – sendo mediáticos e midiáticos – combinando planejamento e pesquisa com efetividade na condução do processo de ensino-aprendizagem por meio da participação ativa dos estudantes, promovendo uma formação contínua e centrada no protagonismo discente. SOUSA JR, (2022, p. 50)

Portanto, SOUSA JR. 2022 nos mostra que a metodologias ativas, visa trazer os estudantes para o centro do processo de construção de saberes, quando aliadas às TDIC, se tornam mais capacitadas, têm um potencial maior.

Destarte, compreende-se que promover o protagonismo em sala de aula é por sua vez promover a participação do aluno de forma ativa no desenvolver das aulas, dando espaço para que ele manifeste a sua opinião para a construção destas, expondo seus interesses, suas dúvidas, o que deseja conhecer sobre tal assunto, como gostariam de aprender. A intenção maior é que o aluno esteja o mais envolvido possível com a aprendizagem, neste caso o papel do professor é de permitir que o protagonismo aconteça, sendo crítico reflexivo sobre sua prática, está sempre observando os alunos, como eles melhor participam das aulas, avaliando sua prática, para poder criar estratégias em que os alunos se sintam parte integrante do processo de ensino aprendizagem, mesmo em meio aos grandes desafios da sala de aula, é possível sim, se pensar que o professor seja capaz de mover esta ação de permitir o protagonismo em sala, pode esta ser uma ferramenta que venha a justamente auxiliá-lo nesta tarefa tão imprescindível que é ensinar. Logo, o uso das TDICs ajuda a promover o protagonismo estudantil, levando ao desenvolvimento da consciência histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender a percepção dos alunos do 3º ano do Ensino Médio acerca da aprendizagem de História, suas experiências e expectativas, bem como a noção de consciência histórica, com o intuito de se pensar em um ensino da disciplina por parte dos educadores que venham a tornar significativas as aulas de História, levando a se pensar sobre a metodologia de aulas de História baseados através do uso de tecnologias atuais, tão presente no cotidiano dos alunos. Para tanto, ele se desenvolveu via um estudo de caso na ECI Joel Pereira da Silva – Carrapateira/PB.

Nessa lógica, a pesquisa buscou compreender a consciência histórica que a disciplina propõe aos alunos cursistas desse ano, suas percepções sobre a História e a importância em suas vidas e o porquê que se deve estudá-la, como também o estabelecimento das tecnologias em sala de aula, na perspectiva de renovar o ensino de História. Isso foi feito por meio de aplicação de questionários com alunos do 3º ano do Ensino Médio da referida escola e a relação de suas respostas com a fundamentação teórica pesquisada e estudada para a construção da presente pesquisa.

Os autores dos estudos pesquisados afirmaram que a História foi importante para a cidadania, criando identidades, proporcionando criticidade e instigando a autoconsciência. Eles também acreditavam que era crucial entender o presente, o passado e o futuro, construindo assim a consciência histórica da humanidade e, consequentemente, dos alunos. No entanto, as respostas dadas pela maioria dos educandos não revelaram entenderem bem sobre esses conceitos. Em vez disso, eles veem a História como uma disciplina construtivista que apenas ensina fatos e conceitos passados. Grande parte dos entrevistados considera a História como uma disciplina que examina o passado, sem considerar uma de suas principais funções, a relação de como o passado afetou o presente. Alguns dos entrevistados consideraram a relação do Ensino da História com o seu cotidiano importante apenas pela motivação para atingir uma boa nota no exame do ENEM. Eles acreditam que atualmente essa disciplina serve para isso. Assim, não identificou-se relacionar esse tipo de conhecimento com as consequências presentes na existência humana. Logo, para a maioria dos alunos, o Ensino da História é necessário para saber (apenas) o que aconteceu no passado sem relação alguma com a suas vidas cotidianas.

No tocante aos referenciais teóricos sobre as novas tecnologias, o Ensino da História deve manter-se atualizado na busca de utilizar-se dos aspectos teóricos das novas descobertas tecnológicas. Os avanços tecnológicos nos cercam, eles não podem ser ignorados pelos

professores de História. Considerando que o objetivo da nova BNCC é criar novos métodos de ensino que sejam abordadas através das tecnologias atuais, de modo que as aulas de base tradicional ainda são a grande escolha de vários educadores, se concentrando apenas no livro didático sem o uso de ferramentas tecnológicas modernas, como internet, celulares e filmes em seu ensino. Além disso, viagens a lugares históricos que em grande parte não são incorporadas às aulas – outra oportunidade educacional perdida. Diante das respostas dos alunos, percebemos que alguns elencaram que o atual professor de História traz para as aulas slides, documentários e assim procura renovar o ensino e isso foi um ponto bastante positivo, tendo em vista que muitos professores ainda utilizam o método tradicional de ensino.

Para renovar o ensino de um assunto, os docentes devem trazer novos métodos de ensino para a realidade da sala de aula atual. Essa crença na aula de História atualizada através de metodologias que envolvam tecnologias contemporâneas potencializa enxergar cada aluno como essencial para o processo porque renova seu interesse por esse assunto e possibilitará revelar-lhe o quanto determinado acontecimento passado, propiciou a existência de consequências no presente. Isso os leva a participar de atividades que os ajudam a considerar criticamente os fatos históricos relacionados ao seu cotidiano. Como resultado, os alunos aprendem novas informações sobre o passado, relacionando-as com o presente e apontando suas falhas existentes.

É notório que muitos dos professores encontram-se despreparados para utilizar ferramentas tecnológicas em suas aulas. Logo, as academias de formação de docentes devem se preocupar em incorporar novas tecnologias na preparação formativa dos professores através do uso de novas tecnologias. E conseqüentemente, eles incorporarão essas ferramentas como métodos alternativos de aprendizagem para o ensino de História ao atuarem no Ensino Médio.

Devido às mudanças tecnológicas na educação, os professores já em atuação, devem entender também as implicações e considerá-las constantemente ao tomar decisões de ensino. Isso é para que eles possam experimentar novos métodos de ensino, especialmente considerando como eles podem afetar os ambientes de sala de aula, na perspectiva de se buscar um resultado capaz de ajudar os alunos a aprender.

Portanto, os alunos poderão aprender a importância da História em sua educação se forem capazes de entender porque devem estudar História e os benefícios que recebem ao estudá-la. Para tanto, esse conhecimento será mais bem construído se os educadores considerarem como os recursos tecnológicos, em sala de aula, podem ajudá-los a melhorar seu ensino de História. Ao empregar esses conceitos, os alunos podem renovar o foco na História,

melhorar sua compreensão histórica e fornecer a eles uma nova abordagem para aprender História.

Finalmente, a presente pesquisa ensinou-me que, como professora de História, devo ter uma visão mais apurada de como os alunos veem a História e como esta disciplina pode ser mais bem explorada pelo educador para que o discente possa construir suas aprendizagens de forma ativa e participativa. Entendo mais claramente que o professor tem papel importante neste processo, o mesmo não pode se limitar a aulas tradicionais, precisa estar em constante formação e pesquisa para poder atuar e dar significado às aulas de História, para que estas não sejam apenas para cumprir a grade curricular, mas sim, para construção de aprendizagem para a vida, para o cotidiano, possibilitando assim a construção da consciência histórica que também é consciência de si, por parte dos alunos. E um dos meios que é possível realizar tal ação é utilizando-se das tecnologias disponíveis na nossa atualidade, adaptando-as metodologicamente para o Ensino de História, visando sempre à melhoria da qualidade desse ensino e a formação crítica dos alunos, neste caso, do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Parte 1: Historia escolar: perfil de uma disciplina. *In.* : BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 29 - 132.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. A história, os homens e o tempo. *In.* : BOCH, Marc. (Org.). **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P. 51-68.
- BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CAIMI, Flavia Eloisa. **Expectativas em torno da aula de História: o que desejam os estudantes? O que propõem os professores?** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CONTIN, Ailton Alex; PINTO, Rosângela de Oliveira. Tecnologias e educação: um desafio docente. *In.* : CONTIN, Ailton Alex; PINTO, Rosângela de Oliveira (Org.). **Educação e tecnologias**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2016. p. 7- 60.
- Escola ECI Joel Pereira da Silva. Proposta Pedagógica Curricular. Rede Estadual de Ensino, 2000. Carrapateira - PB.
- FIGUERÊDO, Tatiane Alves. **Reflexões da feminização do magistério na contemporaneidade: a ausência de docentes do masculino na Educação Infantil da rede Municipal de Educação de João Pessoa-PB**. João Pessoa, 2020. 52 p. monografia (graduação em pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. Edições LOYOLA, São Paulo, 2004.
- GRAÇA, Vânia; RAMOS, Altina; SOLÉ, Glória. **Metodologias ativas e tecnologias digitais: contributos para o desenvolvimento da consciência histórica**. 2020. P. 595-606.
- KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KENSKI, Vani Moreira. O que são tecnologias e por que elas são essenciais. *In.* : **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

LEMOS, Silvana. **Nativos digitais X aprendizagens**: um desafio para a escola. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009.

MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves de. **A tipologia da consciência histórica em Rüsen**. Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial. p. 1069 – 1078.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. **Ensino de História**: fontes e linguagens para uma prática renovada. **VIDYA**, v. 25, n. 2, 2005, p. 59-71.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa**: um conceito subjacente. *In.* : Moreira, M.A., Caballero, M.C. e Rodríguez, M.L. (Org.) (1997). *Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo*. Burgos, España. pp. 19-44.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. *In.* : PINSK Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008. P. 235-289.

PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola**; relações possíveis... Relações construídas. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 31 jan/abr 2006

ROSA, Renata Vidica Marques. Feminização do magistério: representação e espaço docente. **Revista Pandora Brasil** – Edição especial, n. 4. 2011. p. 1-19.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese orogenética relativa à consciência moral. *In.* : Rüsen, Jörn (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática. *In.* : RÜSEN, Jörn (Org.). **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 53-93.

SANTI, Wanderson da Silva. **Que ensino de história cabe na escola?** XVII Encontro regional de História da ANPUH-PR. 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, set/dez. 2005. p. 297-308.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. *In.* : SEVERINO, Antônio Joaquim (Org.). **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atua. São Paulo: Cortez, 2007. p. 100- 126.

SILVA, Elaine Aparecida da. O processo de ensino e a realidade do aluno, 2009, **Webartigos**. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/o-processo-de-ensino-e-a-realidade-do-aluno/23574>> Acesso em: 24 de maio de 2023.

SILVA, Luciano Oliveira. O conceito de consciência história e sua importância no ensino de história. **Building the way - Revista do curso de letras**, Campus Itaporanga, V. 5, n. 1 – 2015. p. 158 – 164.

SILVEIRA, Cláudia Regina. A pesquisa e suas classificações. *In.* : SILVEIRA, Cláudia Regina (Org.). **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2011. p. 31- 40.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In:* SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Engel (Org.). **Métodos de pesquisa**. Poeto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, 2021, p. 64-83.

SOUSA, Israel Soares. Educação, tecnologia e criticidade. *In.* : Sidney Cavalcante da Silva (Org.). **Tecnologias digitais e aprendizagem online**. 1ª ed. pp. 104-116 João Pessoa - PB. 2017.

SOUSA JR, Alexandre de. EDUCAÇÃO 4.0 E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: MÍDIAS DIGITAIS, ENSINO DE HISTÓRIA E METODOLOGIAS ATIVAS PARA O SÉCULO XXI. *In.* : LEITE, Priscilla Gontijo; BORGES, Cláudia Cristina do Lago; SZLACHTA JÚNIOR, Arnaldo Martins (Org.) **ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS E METODOLOGIAS ATIVAS: NOVAS EXPERIÊNCIAS E SABERES ESCOLARES**. Editora CCTA, João Pessoa - PB. pp. 41 - 78. 2022.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: Por uma História prazerosa e consequente. *In.* : KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5. Ed. São Paulo: Contexto 2007. P. 17-36.

VALERINE, Thales. Maioria no Ensino Médio, as mulheres aumentam a presença na ciência e tecnologia. Disponível em: < <https://querobolsa.com.br/revista/maioria-no-ensino-medio-as-mulheres-aumentam-a-presenca-na-ciencia-e-tecnologia#:~:text=O%20portal%20Melhor%20Escola%2C%20que,de%20estudantes%20do%20sexo%20feminino>>. Acesso em: 06. Dez. 2022.

VOLKWEISS, Anelise; LIMA, Vanessa Mendes de; FERRARO, José Luis Schifino; RAMOS, Maurivan Güntzel. Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 2019. P. 01-24.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

Questionário direcionado para os alunos (as) do 3º do Ensino Médio da ECI Joel Pereira da Silva da cidade de Carrapateira-PB.

Prezados alunos (as),

Esse questionário faz parte de uma pesquisa de TCC, do curso de História da UFCG – Campus Cajazeiras-PB intitulado: “A importância do ensino de História no 3º ano do Ensino Médio e o estabelecimento das tecnologias em sala de aula”, de autoria da aluna Micaele Anizio Bezerra que tem como objetivo analisar a importância da disciplina de História para o desenvolvimento do pensamento crítico, da formação da identidade, da consciência histórica dos alunos e a renovação do ensino da disciplina. Desde já nos comprometemos com o anonimato das informações.

Muito obrigada pela sua contribuição.

Questão 01. Sexo.

() Masculino

() Feminino

Questão 02. Faixa etária.

() De 16 a 18 anos.

() De 18 a 20 anos.

() De 20 a 22 anos

() De 22 a 24 anos

() Acima de 24 anos

Questão 03: Você gosta desta disciplina? Por quê?

Questão 04: Você considera a disciplina de História importante? Por quê?

Questão 05: Em sua opinião, de 0 á 10 que nota você daria ao ensino de História em sua escola?

Questão 06: Você considera a disciplina de História fácil ou difícil? Por quê?

Questão 07: Você apresenta alguma dificuldade em aprender os conteúdos desta disciplina? Quais?

Questão 08: Para você o que é a História?

Questão 09: Por que é preciso estudar História?

Questão 10: Cite alguma contribuição que a disciplina de História lhe proporciona.

Questão 11: Você acha a quantidade de aulas de História suficiente?

Questão 12: Você acha necessária a utilização de outros materiais didáticos, além do livro, para o ensino/aprendizagem em História? Por quê?

ANEXO

TERMO DE ASENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Você menor está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO E O ESTABELECIMENTO DAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA**, coordenado pelo professor ISRAEL SOARES DE SOUSA e vinculado a UFCG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE). Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar as percepções dos alunos do 3º do ensino médio acerca da disciplina de História e sua importância para o fortalecimento da consciência histórica e se faz necessário para que possamos compreender a importância da História, bem como, mostrar ao público alvo (alunos), a comunidade escolar e a sociedade, o quão importante é o ensino da disciplina, para que ela serve e em que contribui.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido a responder um questionário contendo 12 (doze) perguntas. Não há riscos envolvidos com sua participação e os benefícios da pesquisa são que a partir de sua participação poderemos mostrar a comunidade escolar e a sociedade o porquê devemos estudar e ensinar História, em que esta disciplina agrega e qual o seu papel na formação do indivíduo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, consequentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a ISRAEL SOARES DE SOUSA, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa
Nome: Israel Soares de Sousa
Instituição: UFCG Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras - PB
Endereço: Rua Projetada, 75 – São José – Loteamento Estrada do Amor. Cajazeiras-PB
Horário disponível: Das 8h00 às 10h00 e das 14h00 às 17h00.
Telefone: (83) 86270813
Email: israelhistoria@gmail.com

Dados do CEP
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
E-mail: cepcfpufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Voluntário ou responsável

Israel Soares Sousa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO E O ESTABELECIMENTO DAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA”**. O objetivo dessa pesquisa é analisar as percepções dos alunos do 3º do Ensino Médio acerca da disciplina de História e sua importância para o fortalecimento da consciência histórica, bem como mostrar a necessidade de renovar o ensino da disciplina.

A pesquisa está sendo desenvolvida pela aluna Micaele Anizio Bezerra, R.G 4.267.098, matriculada no curso de História da UFCG, Mat 217230754 e pelo professor Dr. Israel Soares de Sousa, R.G 1.687.635, professor da UFCG, Mat 2349119, ambos pertencentes ao Campus Cajazeiras. A justificativa para essa pesquisa é refletir acerca da importância da História, bem como, mostrar ao público alvo (alunos), a comunidade escolar e a sociedade, o quanto importante é o ensino da disciplina, para que ela serve e em que contribui. Nesta pesquisa, você será solicitado a responder um questionário contendo 12 perguntas que tem como objetivo compreendermos o que os alunos entendem por História e qual a importância desta disciplina para os mesmos. É importante que o participante saiba que qualquer despesa, incluindo cópias, digitalizações será de responsabilidade da equipe da pesquisa. Sinta-se absolutamente à vontade em deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa aos pesquisadores. Ao decidir deixar de participar da pesquisa você não terá prejuízo de qualquer ordem. Os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados dessa pesquisa e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo dos participantes da pesquisa, bem como, de todos os dados que possam identificá-los. Mas sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas da

área e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Você também não terá nenhuma despesa advinda da sua participação nesta pesquisa. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas pela pesquisadora coordenadora da pesquisa. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa “A importância do ensino de História no 3º ano do Ensino Médio e o estabelecimento das tecnologias em sala de aula”. Caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos ou sobre a pesquisa poderá entrar em contato com a pesquisadora coordenadora da pesquisa a qualquer momento pelo telefone (83)998329756, G-mail:micaele.anizio@estudante.ufcg.edu.br, endereço pessoal: Rua José Gomes, 17, bairro Centro, Carrapateira-PB, 58945-000. A pesquisadora coordenadora da pesquisa, que assina este documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 510/2016 do CNS, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Esclarecemos que esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFCG, o qual tem o objetivo de garantir a proteção dos participantes de pesquisas submetidas a este Comitê. Portanto, o(a) senhor(a) desejar maiores esclarecimentos sobre seus direitos como participante da pesquisa, ou ainda formular alguma reclamação ou denúncia sobre procedimentos inadequados dos pesquisadores, pode entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da UFCG. Localizado no Endereço: Rua Profª. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), Cuité – PB, CEP: 58.175-000. Telefone: (83) 3372-1900 Ramal: 1835. E- mail: cep.ces.ufcg@gmail.com. Micaele Anizio Bezerra, UFCG Mat. 217230754.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA.

Voluntário ou responsável

Israel Soares Sousa